

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: **Talhaba — Lisboa** — Telefone 7

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM PLANO TENEBROSO

A alta finança Arruinando o país, abri- rá também a sua cova

Temos apontado, em sucessivos artigos, a que meios baixos, repelentes, usaram os banqueiros, já podres de poder, para aumentarem duma maneira inaceitável as suas fortunas. Mas não haveria a dizer ainda, gestos repugnantes, podiamos resistir, que por se tornarem em hábito, não lhes se não repara. Demonstramos também como um governo quis equilibrar as finanças do país, produzindo um decreto estúpido que outra coisa não fez senão favorecer a alta finança.

Não tivemos, porém, a ingenuidade de pedir aos governantes medidas eficazes que reprimissem a ansia brutal dos banqueiros ou que inutilizassem por completo o tenebroso plano. Não vimos essa ingenuidade, porque não somos parvos. Já não acreditamos em eficazes medidas governamentais. De resto, qualquer medida dos governantes serviria apenas para nos lançar poeira nos olhos. Esta podridão, este envilecimento das classes abastadas, esta lepra que se dilui no tempo, pegando-se há ao resto da população, porque cria um ambiente funesto a todos os que estão em contacto com os leprosos, tem apenas um remédio e provém apenas duma causa.

A causa já a temos aqui apontado dezoito vezes. Emana ela da má organização da sociedade e da pessima distribuição da riqueza. A sociedade permite que a riqueza detenha impunemente a propriedade ou o valor da propriedade, que a todos pertence; permite ainda que o trabalhador, o produtor de toda a riqueza social, esteja absolutamente dependente dos indivíduos que possuem. Estes ganharam uma força tremenda dentro do Estado que, no fim de contas, é apenas deles, tendo tudo na sua mão, todos lhes obedecendo.

Como há de o povo, quasi impotente, impor moralidade a indivíduos que podem ser criminosos livremente? O Estado não pode meter a alta finança na ordem, porque é nela que se apoia, porque é ela quem lhe dá a força. Era necessário que um governo possuísse uma probidade, um espírito de justiça, uma firmeza e uma rectidão sobremaneira para poder eficazmente lutar com o inimigo tão poderoso.

O Estado só pode lutar conosco, que não possuímos propriedades imensas, nem fortunas colossais; que não temos o apoio do militarismo, a burocracia, a grande imprensa, enfim, as mil e mais armas de que as classes dominantes dispõem.

Onde está então o defeito? Fundamentealmente, no regime da propriedade. É esse regime que permite ao grande financeiro arruinar um povo, que consente ao negociante assambarcar, inutilizar até quantidades imensas de artigos que pertencem à grei.

Nenhum outro jornal se referiu ao caso de que nos temos vindo ocupando. É um escândalo, todos o reconhecem. É um crime, não há mesmo duas opiniões sobre este assunto. Estamos convencidos de que os próprios banqueiros o reconhecem. Mas quem é capaz de erguer a sua voz sincera e proclamar bem alto que esta *chantage* é a maior de todas as coisas? Quem ousa manifestar-lo em público? Nós, apenas nós, que estamos aqui para servir os

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Para a Itália irri mensalmente cento e oitenta mil toneladas de carvão fornecidas pela Alemanha. Diz-nos o sr. Brito Camacho que carvão de igual procedência abichá-lo não também a França e a Bélgica, estando averiguado que só Portugal passa a cheirar, nada lhe tocando no rateio. Não é preciso falar aos leitores da importância do papel que o combustível desempenha nas nações civilizadas, e até mesmo nas que não merecem tal honroso título, como nós, por exemplo. Sem carvão não há indústria, e quando a indústria morre vai com ela a tumba tudo o que de valioso encerra as conquistas do progresso, que actualmente, uns em maior, outros em menor grau, disfrutamos todos. Pois o carvão da Alemanha irá para toda a parte, mas para Portugal é que não vem. E contudo, com muito menos filosofia que o pécara de barro de Manuel Bernardes, quis Portugal ir na torrente guerreira com os picaros de cobre, e assim succedeu ficarem estes inteiros e ele quebrado. Quis Portugal ir, é modo de falar. Quem quis foi a camarilha política, então predominante, de pa-ria em os que, em fornecimentos e especulações, se opulentaram quasi dum dia para o outro e aí impam hoje como Crésus enfiados, numa irrogância e numa omnipotência capaz de liquidar a paciência a Job. O povo, o verdadeiro, o que trabalha, e não o falsificado, a matéria prima para manifestações nas ruas, em esganiçados latidos, pagos consoante o sucesso do serviço, — o povo, o verdadeiro, o que labuta, sempre exerceu a guerra, e nenhuma responsabilidade lhe cabe na desolada miséria a que chegámos. Sonharam ainda alguns com fartas compensações pagas pela Alemanha e a nós destinadas. É o que se está vendo. Em Versalhes, em Spa, em quantas partes se reúnem os delegados das potências de mais peso, é ver como todos se agatanham, lembrando estas chamadas conferências económicas, uma assembleia de bandidos que, após uma proeza na estrada, se desviassem sobre a repartição da presa, cada um deles tateando no bolso o cabo da navalha, para defesa do quinhão mais gordo. Estes grandes pioneiros da civilização assim se desmascaram e revelam, como os macacos da fábula, desde que lhes afirraram as nozes. É como o direito é, essencialmente, a força (a Alemanha fartou-se de dizer-lo e os hipocritas fingiram-se indignados) quem mais forte se encontra mais apela, e mal dos pigmeus que no fim da contenda esperam haver lucros, pois nem um chavelho lhes será dado. No que respeita a indemnizações monetárias pagas pela Alemanha, já aqui contámos o ponto em que a questão se encontra, concernente a Portugal. Quanto a carvão, a Itália passa a estar razoavelmente servida. A França e a Bélgica ficaram sem mores razões de queixa. Para cá, de carvão alemão, é que não virá nem o suficiente para ir um garoto, à porta dum ministério, desenhando, em amplas curvas futuristas, quaisquer caprichosos tipos de pedestais sobre os quais muitos dos nossos homens públicos deviam ter assento...

VIRTUDES DAS "FORÇAS VIVAS"

FARINHA AVARIADA

Vendida como de primeira

Naquela fúria dolda de tudo assambarcar, no intuito de fazerem render os lucros, não tem pejo — se alguma vez o tiveram, o que seria um acontecimento! — as grandes empresas em comprar artigos de primeira necessidade por altos preços, para depois especularem, na convicção de que não perdem no negócio, lucupletando-se criminosamente, embora a fome assoberbe as classes pobres, facto, porém, a que não ligam importância.

A esta oficina chegara há dias, embora veladamente, a notícia de que a Mercantil Importadora e Exportadora Limitada, da rua do Cais de Santarém, havia feito um negócio de farinhas em que a moralidade corria parrelhas com a pouca vergonha.

Procurámos saber o que de verdade existia na informação e conseguimos obter o que pômos em frente dos nossos leitores, para que apreciem os escândalos, as roubalheiras e os envenenamentos a que o povo está sujeito.

Um grande negócio... com farinha imprópria para consumo

Aquela firma dirigiu, em 14 de Maio do corrente ano, um requerimento ao então ministro da agricultura, João Luís Ricardo, para poder comprar no celeiro municipal de Borba 140.000 quilos de farinha n.º 1, que estava destinada a beneficiar o pão daquele concelho, porque o celeiro precisava de liquidar contas com os lavradores fornecedores, necessitando para isso vender a mesma farinha por um preço bastante elevado, pois só assim conseguiria fechar as contas em *deficiti*.

No louvável intuito de salvar o celeiro de Borba de entalheços, se na realidade era esta a verdade, não teve dúvida o ministro em deiferir o requerimento, saltando por cima da lei que tabelava o preço do trigo, não se incomodando mesmo em saber a quanto montaria esse preço bastante elevado, porquanto entre os lucros da empresa e a fome do povo, devia, por certo, optar pelos primeiros, porque os especuladores são os super-donos e não lhe ficaria bem indispôr-se com as *forças vivas*, embora o povo estique de fome.

A farinha veio, para ser vendida em Lisboa exclusivamente à indústria de pastelaria, e a Mercantil estabeleceu-lhe o preço de 995 e mais, quando o governo importa da America farinha espada de 1.ª qualidade, que fornece à indústria e às mercearias ao preço legal de 521.

Foi, por certo, um privilégio que esta e entre outras empresas conseguiram, em detrimento não só do Estado, como do povo, que tudo aguenta passivamente, acrescentando ainda a agravante da farinha de Borba ser imprópria para consumo, como verificado foi em 5 análises feitas no laboratório químico da 5.ª região do sul, por contra teias de aranha, lagartos, fungo e não sabemos quantos mais *produtos panificáveis*, dando-a também como de 2.ª qualidade e até um dos boletins de análise a dá como de 3.ª, anormal, com excesso de acidez!

No entanto ela era vendida como

NOTAS & IMPRESSÕES

MENTIRAS

Paulatinamente, como convém a uma pessoa que anda fazendo a digestão pouco trabalhosa duma sumarríssima refeição, subia eu a rua do Alecrim cogitando em tudo quanto pode copitar alguém que acaba de fingir que janta. A esquerda, quasi ao topo da supracitada artéria, o Eça — a cuja Verdade maravilhosa esculpida os huns de Lisboa mais uma vez, deturpam um dedo abaixo — parecia olhar interessado para a sua companheira, quasi disposto a cair nos braços que ela carinhosamente lhe abria.

Todavia aquele dedo, reincentemente decepado, tirava toda a poesia, toda a graça, tornando-o um tanto ridículo, ao anável gesto que Teixeira Lopes também soube realizar. Há em todas as latitudes — confessá-lo não é desdoir — um grande horror pela Verdade, mas em nenhum país esse horror está tão desenvolvido como em Portugal. É tal a sanha em fazer triunfar sempre a mentira que há bárbaros — os artistas desta terra que me desculpem o eufemismo — que levam o seu barbarismo ao ponto inacreditável de jogar calhaus a um monumento artístico no propósito de o inutilizar, o que a nenhum outro acontece, havendo também, por seu turno, criaturas a quem incumbe a conservação das obras de arte, que não ligam absolutamente nenhuma a esta Verdade de nove dedos, há mais de três quinze dias em tam deplorável situação.

Pode ser até que em tudo ande o dedo do sr. Monteiro Milhões, que não pode gramar a estatua de frente da sua porta. Seja como for, não nos deve admirar que tal suceda porque, repito, achando a mentira guardada em toda a parte, ela é, com certeza, tam velha como o mundo. Mentindo com arrenganho negou Pedro a Cristo três vezes e, do mesmo modo, uma mentira tornou possível a queda de Bonaparte em Waterloo. Mentem as crianças e mentem os diplomatas. A diplomacia é a arte de bem-mentir. Mentem os políticos e mentem as gazetas. A própria irmã Simplícia, que Vitor Hugo nos apresenta como a personificação da rectidão e da verdade, também mente, talvez pela primeira vez na vida, para salvar João Valjean.

A mentira como a maldicência são universais. Simplesmente, nós levamos as lampas a todos. E' vê-lo nos jornais. Sobre tudo nos grandes rotativos mentes se descaradamente, conscientemente, sabendo-se positivamente que se mente; mas achando-se nisso um prazer selvagem. A maioria dos redactores — e isto não lhes fica mal, não — fazem por obrigação artigos sobre assuntos de que não percebem patavina e, por isso, mentem a cada período, citando coisas desconhecidas, tal como Mark Twain quando se estreou no jornalismo.

NOTAS & IMPRESSÕES

MENTIRAS

Outros dissertam sobre arte e falam de Rembrandt, de Rubens e de Pinturicchio como se tivessem andado com eles na escola e, se for preciso, citam de ouvido a miséria de Rembrandt e o casamento de Rubens aos 54 anos com uma garota de 16. São tu cá tu lá com todos os poetas e todos os sábios antigos e modernos, e se calhar a haver, por exemplo, um enterro pomposo de personagem com excelência, cada qual fala a seu modo, dizendo um ou outro, principalmente se o falecido não for das boas relações do periódico, calcula muito por baixo o número dos pezarosos oficiais. O jornalismo deixa a perder de vista as mentiras do sr. Paulo Bourget, sendo indescortinável o motivo que levou Norda a quasi excluí-lo das suas *Mentiras convencionais*. E há de ver-se que quanto mais mentiroso é o jornal maior tiragem produz e mais lucros anfore. Cá por mim, quando passo o olhar por algum destes *colossos* faço sempre um desconto de 80 por cento sobre a matéria publicada, o que não é muito se se atentar em que, quem neles trabalha, eleva essa percentagem ao número 100, pelo menos. E como não há de isto ser assim se todos os dias eles confessam ter-se enganado na véspera — quando o grau do fiasco, é claro, concede que façam semelhante declaração — e se a toda a hora se verifica, a respeito dos assuntos mais variados, que eles são mais mentirosos do que um almanaque e mais falíveis do que uma profecia de madame de Thebes! Há, por exemplo, um jornalinho que se publica duas vezes por semana, em Lisboa, que nem a modestia coíbe de declarar em todos os seus números ser o *único* periódico insubordinado às empresas teatrais. O *único*, hein! Dá-se assim ares de conhecer por dentro a vida de todos os outros. Afinal, não conhece nada. E' tam cego como os outros, e quasi tam mentiroso como eles. Poderia empregar aqui a mencionada quantidade ou os favores por que esta tribuna, vivendo mal porque vive honestamente, se vendeu já a qualquer empresa, seja ela de teatro, seja de que género for. Poderia. Mas para quê? Dêxalo lá mentir à vontade. Não me tira o apetite, o bote. Os colegas, sobretudo aquele que lhe dá a paternidade, que lhe agradeçam, e quem os não conhecer que continue a comprar-lhes e a soletá-los. Ralar-me, para quê? Sempre é mais prático fazer ouvidos de mercador quando as vozes são de tal quilate e de timbre tam falso. Pouparam palavras e defende-se a gente de tapar o nariz sempre que eles falam. E' mais escôva menos escôva. Nem só de pão vive o homem.

Antero de LIMA.

Mau caminho

Por informação que nos envia o Sindicato dos Manipuladores de Pão do Porto, e que inserimos na secção *Sin-dicatos na Provincia*, somos inteirados de que aquele sindicato, havendo reclamado aumento de salário ao respectivo patronato, obteve d'este a resposta, há já não há dúvida, de que reconhece a razão que assiste aos reclamantes, mas não pode atender o seu pedido emquanto o ministro da agricultura não anda, por sua vez, o que o mesmo patronato lhe apresentou e que ainda teve deferimento.

Em face d'esta resposta dos industriais de panificação, resolveram os operários, como consta da sua nota, enviar uma representação ao ministro da agricultura, solicitando-lhe que atenda a reclamação dos industriais, afim d'estes serem habilitados a satisfazer a sua. Não sabemos nós, neste momento, de que consiste o pedido dos industriais de panificação ao ministro da agricultura, mas é de crer que se trate de qualquer autorização para aumento de preço do pão ou coisa equivalente. Assim sendo, é indefensável a atitude dos operários manipuladores de pão do Porto e o seu apoio aos industriais, sob qualquer outro aspecto, só merece a nossa repulsa.

A Batalha não pode dar o seu aplauso a trabalhadores que de tal modo procedem, ainda quando eles, como na mesma sessão fizeram aqueles companheiros, mostram a sua simpatia para este órgão.

Entendemos que os trabalhadores, quando as suas condições de salário sejam incomportáveis com as suas necessidades, tem todo o direito de reclamação de melhoria de situação. Mas que o em auxiliando de qualquer forma os interesses do patronato, como no caso em que não podemos concordar, por tal procedimento contende com a orientação operária.

A direcção da Associação Commercial de Lisboa cumprimentou o ministro das finanças e ofereceu o seu concurso.

da guarda!

I Congresso Mobiliário

Em Faro vai constituir-se o Sindicato Mobiliário

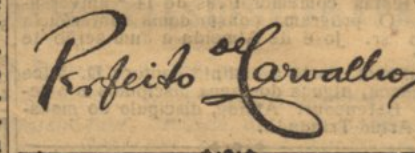
Faro, 5.—C.— Realizou-se na U. S. O. uma reunião dos operários da indústria mobiliária, a convite da organização da capital, que pela provincia mandou como delegado, em missão de organização e propaganda do seu I.º congresso a realizar, o camarada António M. Marvão.

Ao convite accorreu certo número de operários, a quem o delegado fez sentir a necessidade de se organizar sindicalmente, pelo que podiam contar com o auxilio do S. U. M. e dos seus camaradas de Lisboa, que no desejo de organizarem a sua Federação de Indústria haviam feito o sacrificio de enviar delegados pela provincia esperando ver realizados os seus desejos.

Bem aceita pela assistência foi a clara exposição feita por Marvão da vas vantagens do sindicalismo, arma única de que os trabalhadores podem servir-se ante a ganância desmedida dos patrões e do comércio em geral.

Com bastante entusiasmo foi nomeada uma comissão organizadora do sindicato de Faro, de que fazem parte os camaradas Carlos da Piedade, Carlos Cartaxo, Luciano La Ferro, Evaristo F. Melo e António dos Santos Lourenço.

Antes de encerrar a sessão, Marvão expôs a situação de *A Batalha*, e explicou a missão d'este órgão operário, fazendo sentir a necessidade de todos os operários o comprarem, já porque assim o auxiliam, já porque por ele sómente conhecerão a inteira verdade da situação de todos os trabalhadores, por ele tam nobre e dignamente defendidos.



Prof. Carvalho

Pessoal da Imprensa Nacional

O comité de greve do pessoal da Imprensa Nacional, que se mantém organizado até à solução definitiva do conflito, vem de fazer distribuir aos seus camaradas daquele estabelecimento a seguinte nota:

Camaradas—O vosso comité, que continua vigilante até à solução final do conflito, congratula-se com a forma rápida como reconhecem o funcionamento de todos os serviços da Imprensa, facto que confirma o cumprimento do seguro que d'esta a modo do comité aprovado na assembleia de 4 do corrente.

O vosso comité, sempre disposto a defender o prestigio do pessoal, recorda mais uma vez a nota que fez publicar em 10 do mês findo, sobre tudo na parte em que se refere as responsabilidades de todos nós enquanto nos encontrásemos nas oficinas, e que as mesmas responsabilidades caducaram logo que o pessoal abandonasse o estabelecimento.

Reza tinha o vosso comité nesse momento, porquanto o pessoal, ao retomar o trabalho, teve conhecimento da falta de várias peças de ferramenta na oficina de electricidade e utensilios do refeitório, estando porém o pessoal liberto de qualquer responsabilidade.

O comité comunica aos camaradas que estiveram trabalhando na industria particular e que, por qualquer circunstancia, não puderam contribuir para o cofre da Associação, que o podem ainda fazer, caso queiram, dirigindo-se à respectiva direcção.

O vosso comité envia mais uma vez as suas saudações ao pessoal, esperando que se conserve firme até completo consequimento das suas aspirações.

União dos Sindicatos Operários

Comissão Administrativa

Na sua reunião extraordinária, anteceder realizada, apreçiou diverso expediente, do qual se destaca o seguinte: O officio do sindicato do pessoal da Companhia das Águas, esclarecendo as condições em que pediu o aumento de salário, e isto em resposta à entrevista havida entre a direcção do mesmo e o secretário geral d'este organismo, officio que depois de ter sofrido discussão, baixou ao Conselho de Delegados, para mais uma vez se pronunciar sobre o mesmo assunto.

A greve do pessoal dos electricos

Apreçiou um officio do sindicato do pessoal da Carris de Ferro, resolvendo, depois de devidamente discutido, saudar aquele pessoal pela maneira altiva como se tem conduzido, reconhecendo uma vez mais a incompetência dos que há frente do municipio se encontram, mereço de que a população de Lisboa está privada dum dos mais indispensáveis meios de transporte.

O movimento contra a carestia da vida

Com a presença dos delegados que compõem a comissão de preparação do movimento iniciado pela C. G. T. contra a carestia da vida, na parte que respeita a esta região, foram trocadas impressões sobre o momento do assunto, resolvendo-se por fim imprimir uma nova directriz à propaganda do movimento a realizar, não só sobre a carestia da vida, mas também da projectada reforma da lei do inquilinato. Deliberou-se que a 6.ª sessão se realizasse na próxima quarta feira, na Associação dos Alfaiates. Também sobre o mesmo assunto foi ouvida uma comissão de camaradas do sexo feminino, resolvendo-se auxiliar essas camaradas no que necessitarem para a propaganda entre o seu sexo.

A voz do Operário

Uma vez mais se discutiu a attitude dos corpos gerentes que à frente desta instituição se encontram, tomando-se conhecimento dos trabalhos realizados e a realizar em defeza da sociedade, resolvendo-se mais uma vez chamar a atenção da população associativa da mesma instituição para que não pague

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Felizmente para o porta-voz da organização operária e para a obra de propaganda e educação emancipadora que ele tem em vista, as manifestações de solidariedade dum bom núcleo de combatentes que o acompanha a par e passo, não deixam de fazer-se sentir por uma forma consistente e prática, como é o envio de importâncias para contrabalançar as grandes despesas que hoje exige a publicação dum jornal, como *A Batalha*, que não aluga as suas colunas para a defesa trantadas que redundam sempre em prejuizo do povo e em proveito dos potentados, que possuindo grossas fortunas, arrancadas ao povo escravizado, encontram aventureiros e sabujos que, com mais ou menos habilidade, cometem a baixa de defender as mais escuras negociações, dando-lhes aparência de obrasonestas e úteis à população do país.

A *Batalha* não vive dessa especulação infame, e por isso ela vive com dificuldade.

São poucos, em relação ao seu grande número, os trabalhadores que sabem cumprir conscientemente o seu dever. Mas poucos, como são, eles dão uma nota frisante de que faz mais quem quer do que quem pode.

A seguir damos a nota das importâncias ultimamente recebidas.

Transporte... 7.923\$800

Obra da Morgue, operários do Conselho Técnico... 1530

José Esteves... 530

Associação Graça Dias (Oihão) 530

H. R. ... 505

Alvaro Santos... 540

Herculano Gonçalves... 525

Associação dos Encadernadores, cotização... 3810

Associação dos Encadernadores, do cofre... 5900

Quete na Juventude Sindicalista de Gaia... 2525

José Pereira Fortes... 2500

J. R. S. ... 530

Carlos de Sousa... 1500

Quete na delegação dos ferroviários de Beja... 12550

António Teixeira.....	\$50
Associação da Construção Civil de Falmalico (quete) José Francisco.....	6350
Associação dos Corticeiros do Seixal, 5 p. c. da cotização.....	2452
Quete no Vale de S. António aberta por T. Danton....	2500
Bernardino José Janeiro, João da Cruz Piloto.....	1512
Associação do Pessoal do Depósito Central de Farmamentos, cotização.....	3829
Mário Pinto de Almeida.....	550
Manuel C. Figueiredo, do Porto.....	530
Flórencio José Rodrigues para a defesa trantadas que redundam sempre em prejuizo do povo e em proveito dos potentados, que possuindo grossas fortunas, arrancadas ao povo escravizado, encontram aventureiros e sabujos que, com mais ou menos habilidade, cometem a baixa de defender as mais escuras negociações, dando-lhes aparência de obrasonestas e úteis à população do país.	2500
Importância que estava na posse da família do falecido Artur Lopes da Silva para aquisição de obrigações entre o pessoal do Arsenal de Marinha.....	5800
Victor J. M. Machado.....	580
Gráficos da "Intermediária" do Porto.....	8800
João Cabral (chauffeur).....	530
José Gonçalves (canteiro)....	530
António Martins Godinho, da C. P.....	550
António J. Madeira (estivador).....	510
Comissão de melhoramentos da Associação dos Corticeiros.....	4800
Augusto Carlos Rodrigues, José dos Santos (gráfico)....	1800
Manuel Trindade.....	1600
António Alves Vieira (Vidago).....	550
Associação dos Rurais (Escorial) cotização.....	10900
Quete a bordo do vapor "Apolo".....	4550
Augusto Góis.....	1550
António Francisco Pinho....	1550
Alvaro Ferreira, metalurgico.....	550
A transportar... 8.022\$97	

Visita aos presos

Um contrário do que por lápis foi publicado, os operários Diogo Homem Junior, João Ferreira e Bernardino Xavier, receberam as pessoas que os queriam visitar no grupo C. da cadeia do Limoeiro, onde se encontram.

